

A Revolução Democrática Na Bolívia

Emir Sader | 20 de Janeiro de 2006

A Bolívia é um dos países mais sofridos de todo o continente, junto com o Haiti. Além do massacre da colonização – de que todos os países fomos vítimas –, a Bolívia sofreu dois golpes complementares: a Guerra do Pacífico, em 1879, em que perdeu a saída ao mar para o Chile e a Guerra do Chaco, nos anos 30 do século passado, em que perdeu territórios para o Paraguai.

Esta última condena à morte o sistema liberal existente até então. Declina a hegemonia da oligarquia mineira, ao mesmo tempo que, nos anos cinquenta se desenvolve um processo de formação da consciência nacional, que tem na revolução de 1952 sua expressão mais clara, com a nacionalização do estanho, a reforma agrária e a substituição do Exército por milícias populares. O esgotamento desse impulso leva à implementação de um radical programa neoliberal, justamente no governo de quem havia estado à cabeça do movimento de 1952 – Victor Paz Estensoro. O sistema democrático-liberal restabelecido em 1985 terminou adotando políticas neoliberais para debelar a hiper-inflação, incorporando a receita vendida por Jeffrey Sachs, que liquida a economia mineira boliviana – com o remédio matando o paciente, como costuma acontecer nesses casos. Uma nova derrota do movimento popular termina praticamente com o movimento operário mineiro, até ali o coração das forças populares da Bolívia.

Estas só recobrarão forças a partir do final da década de 90 do século passado, quando os cocaleiros conseguem impedir a colocação em prática do plano dos EUA de erradicação das plantações de coca, no governo de Hugo Banzer – agora eleito presidente, depois de ter sido ditador. Esse movimento foi seguido da grande mobilização dos camponeses da região de Cochabamba, em abril de 2000, que impediu a privatização da água por uma empresa francesa, processo no decorrer do qual se formou a Coordenadora da Água e da Vida, que se perpetuou como organização. Em país com a auto-estima tão baixa, pelo acúmulo de derrotas, este movimento representou a virada da defensiva para a ofensiva por parte do movimento social.

Esse movimento foi seguido, em setembro do mesmo ano, com ocupações territoriais sob a forma de bloqueios de estradas e cerco das cidades, protagonizadas pelo movimento camponês. Em julho de 2001 se leva a cabo uma nova onda de bloqueios em um setor do altiplano,

na estrada que vai de La Paz a Cochabamba, na região ocidental do país, a mais politizada, onde se situam tradicionalmente os aymaras e os quéchuas, junto com organizações sindicais do Chapare – zona dos cocaleiros – e da Coordenadora da Água.

Sob esse pano de fundo, se cumprem duas décadas de promessas neoliberais e a Bolívia está mais pobre e mais desigual. No campo, o número de trabalhadores assalariados diminuiu de 73 mil para 64 mil. O número de unidades familiares que trabalham por conta própria – com economias basicamente de subsistência – passou de 43 mil a 447 mil. Nas cidades, o chamado setor informal, composto por unidades domésticas, artesanais, com relações familiares e não assalariadas, cresceu de 60 a 68% do total da população ocupada. Assim, o número de pessoas que possuem contratos de trabalho diminuiu de 40 para 32% do total da força de trabalho.

A Bolívia tem péssimos índices de distribuição de renda, só superados – negativamente – pelo Brasil. Os 20% mais ricos dispõem de uma renda 30 vezes maior do que os 20% mais pobres. 60% da população vivem na pobreza no conjunto do país, mas esse índice chega a 90% nas áreas rurais. O desemprego oficialmente registrado triplicou nos últimos 17 anos, desde que os planos de estabilização monetária começaram a ser aplicados, chegando a 13,9%, enquanto a proporção de pessoas do setor “informal” – isto é, de trabalho precário – aumentou de 58 para 68% em 15 anos. A mortalidade infantil é de 60 por mil nascidos vivos, enquanto a média do continente é de 28. A expectativa de vida ao nascer é de 63 anos, enquanto a média da América Latina e do Caribe é de 70 anos.

Dois e meio milhões de camponeses têm como principal instrumento de trabalho o arado egípcio, de 3000 anos atrás. A tecnologia de ponta só é utilizada na extração de petróleo e de gás, nas telecomunicações, nos bancos e em 10% da extração mineira e da produção industrial. A



Programa de Americas do IRC

www.ircamericas.org

Um mundo novo da análise, das idéias, e das opções da política



prometida “modernidade” se reduz na Bolívia aos cibercafés, aos carros de luxo e aos bens suntuários consumidos pela elite, nas palavras de Álvaro Garcia Linera, o mais importante intelectual boliviano, eleito vice-presidente da república na chapa de Evo Morales.

Não é surpreendente então que em um país assim constituído, a tentativa de Sanchez de Losada – branco, com sotaque estadunidense – fosse derrubado em outubro de 2003 – com mais de 50 mortos pelo regime -, assim como Carlos Mesa, seu vice-presidente, em junho deste ano. E que Evo Morales, à cabeça do MAS – Movimento ao Socialismo, partido constituído diretamente por movimentos sociais – ganhasse as eleições deste ano com a maior votação da história da Bolívia – que teria sido maior ainda, não tivessem sido impedidos de votar mais de um milhão de pessoas, cujos nomes foram tirados da lista, especialmente no campo boliviano.

Abre-se o período mais importante da história boliviana, quando um líder indígena – aymara – assume, pela primeira vez, em 513 anos desde a invasão dos territórios da América Latina e do Caribe pelos colonizadores, a presidência da Bolívia, prometendo resgatar a identidade e o direito de se governar por populações indígenas – aymaras, quéchuas, guaranis -, com que se identificam mais de 70% da população do país. Uma revolução democrática, como definem os candidatos vitoriosos, quando começam a construção – pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte – de uma nação multicultural e multiétnica – a cara do povo boliviano.

Emir Sader, brasileiro, coordenador do Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, autor, entre outros livros, da Vingança da História (Ed. Clacso).

Publicado pelo Programa de Americas do International Relations Center (IRC, em linha em www.irc-online.org). ©2006. Todos os direitos reservados.

The Americas Program

“Um mundo novo da análise, das idéias, e das opções da política”

Fundado em 1979, o IRC é um centro nonprofit pequeno mas dinâmico dos estudos da política cujo o objetivo overarching seja ajudar forjar uma agenda global nova dos casos para o governo de ESTADOS UNIDOS e povoar um que faz aos estados unidos um líder e um sócio globais mais responsáveis. Para mais informação, visita www.americaspolicy.org ou email americas@irc-online.org.

Citação recomendada:

Emir Sader, “A Revolucao Democrática Na Bolivia,” Programa de las Américas (Silver City, NM: International Relations Center, 20 de Janeiro de 2006).

Posição da correia fotorreceptora:

<http://www.ircamericas.org/port/3076>

Informação Da Produção:

Escritor: Emir Sader

Editor: Laura Carlsen, IRC

Disposição: Chellee Chase-Saiz, IRC